

CURSO: TEORIA E HISTÓRIA DO ANARQUISMO

EACH-USP, São Paulo, 20-24 de julho de 2015



Realização:



Apoio:



Instituto de Teoria e História Anarquista

- Fundado em 2012
- Coordenado por pesquisadores do Brasil e África do Sul
- Agrega pesquisadores de diversos países (acadêmicos e não acadêmicos)
- Estimula a produção e a difusão da pesquisa do anarquismo, desde algumas linhas teórico-metodológicas (especificadas adiante)

- Site: <https://ithanarquista.wordpress.com>
- Facebook: <https://www.facebook.com/ITHAIATH>

Planejamento:

1.) ABERTURA / ANARQUISMO REDEFINIDO: ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS, CONCEITOS E PRINCÍPIOS

Alessandro Soares da Silva / Felipe Corrêa

- Introdução geral aos temas do curso
- Abordagens teórico-metodológicas dos estudos do anarquismo
- Conceitos centrais e princípios

2.) RESPONDENDO À CRÍTICA MARXISTA: ASPECTOS GERAIS E GRANDES EPISÓDIOS DO ANARQUISMO

Rafael Viana da Silva

- Retomada da crítica marxista ao anarquismo
- Contraponto por meio da análise teórico-histórica e dos grandes episódios do anarquismo

3.) CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PERÍODO DE EMERGÊNCIA DO ANARQUISMO

Raphael Amaral

- Discussão da história dos séculos 19 e 20, que constitui o pano de fundo do surgimento e da difusão mundial do anarquismo

4.) PROCESSO DE SURGIMENTO DO ANARQUISMO, SEUS GRANDES DEBATES E SUAS CORRENTES

Felipe Corrêa

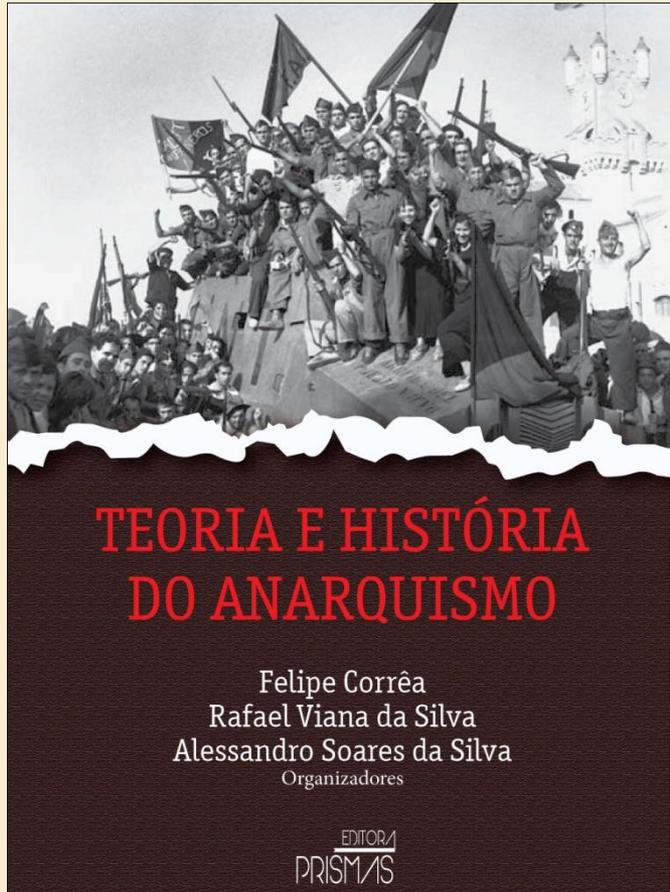
- Retomada dos elementos contextuais que contribuíram com o surgimento do anarquismo
- Apresentação de seus grandes debates e suas correntes

5.) ANARQUISMO E SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO NO BRASIL: ASPECTOS HISTORIOGRÁFICOS E DEBATES FUNDAMENTAIS / ENCERRAMENTO

Rafael Viana da Silva / Alessandro Soares da Silva

- Discussão conceitual acerca da relação anarquismo-sindicalismo
- Análise do caso brasileiro do século 20

Livro referência:

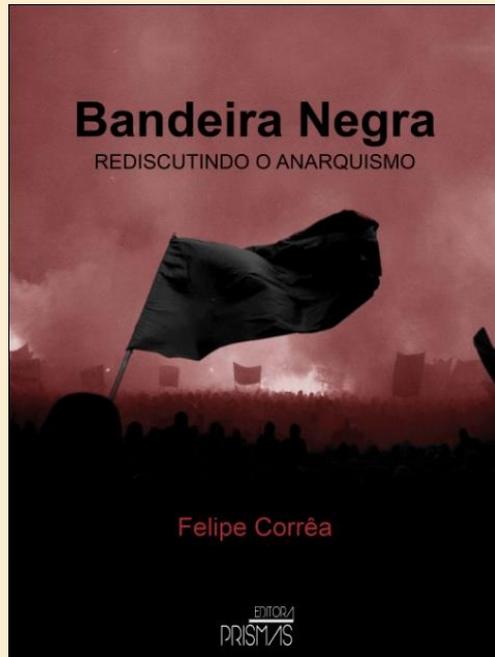


Teoria e História do Anarquismo

CORRÊA, Felipe; SILVA, Rafael Viana da;
SILVA, Alessandro Soares da (orgs.)

Prismas, 2014

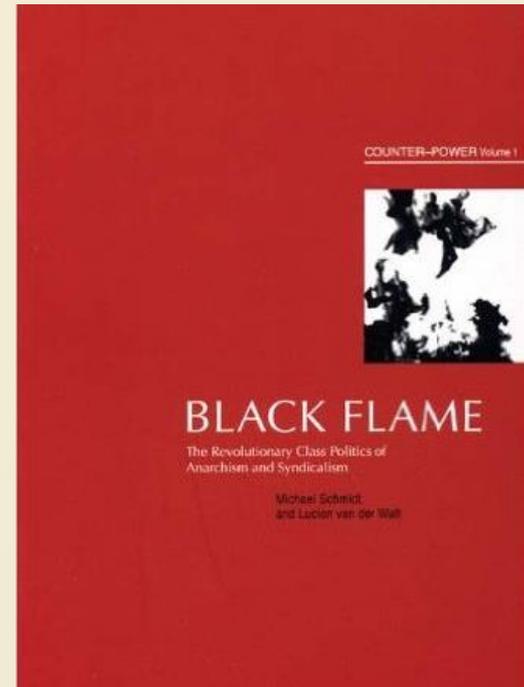
Livros de apoio:



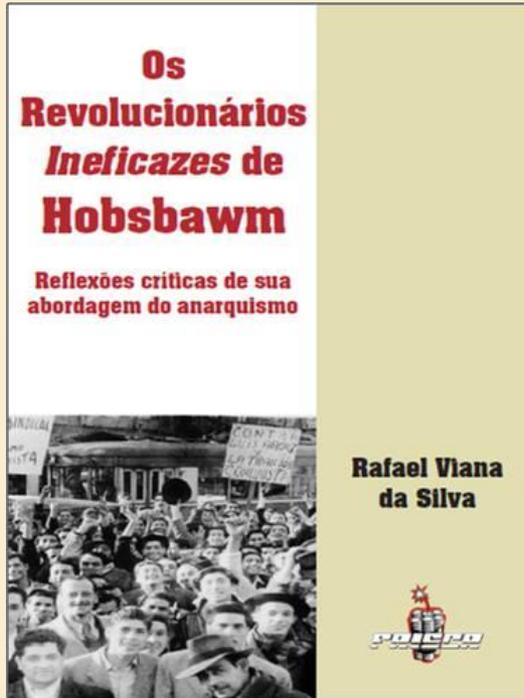
Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo

CORRÊA, Felipe
Prismas, 2014

Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism
SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien
AK Press, 2009



Livros de apoio:



Os Revolucionários Ineficazes de Hobsbawm: reflexões críticas de sua abordagem do anarquismo

SILVA, Rafael Viana da.

Faísca, 2015.

Dinâmica e informes:

Questões do público:

- Serão respondidas ao final de todas as aulas
- Devem ser enviadas em papel pelo nosso monitor:
Kauan e Elisa | Papel e caneta
- Se não houver tempo de responder todas as questões, tentaremos respondê-las ao longo do curso

Bibliografia:

- Livro base do curso e apostila disponíveis na Xerox (pasta 78, até 20h)
- Interesse de compra de livros:
Kauan e Elisa | Mostruário | Ficha interesse

Certificados:

- Para inscritos formalmente
- Entregues posteriormente (CCEX enviará email)



PENSANDO O SÉCULO XIX: TRANSFORMAÇÕES QUE POSSIBILITARAM A FORMAÇÃO DE MOVIMENTOS ANTICAPITALISTAS

Raphael Amaral

Historiador (USP)

Pós-Graduando (PUC-SP)

Professor de História no Ensino Médio
e Cursos Pré-vestibulares

SÉCULO XIX

“Os centenários foram inventados no fim do século XIX. Em algum momento entre o **centésimo aniversário da Revolução Americana (1876) e o da Revolução Francesa (1889)** – ambos comemorados com as exposições internacionais de praxe – os cidadãos instruídos do mundo ocidental tomaram consciência do fato de que aquele mundo, nascido entre a Declaração de Independência, a construção da primeira ponte de ferro do mundo e a tomada da Bastilha, estava completando cem anos. **Qual seria o resultado de uma comparação entre o mundo dos anos 1880 e dos anos 1780?”**

(HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 29.)

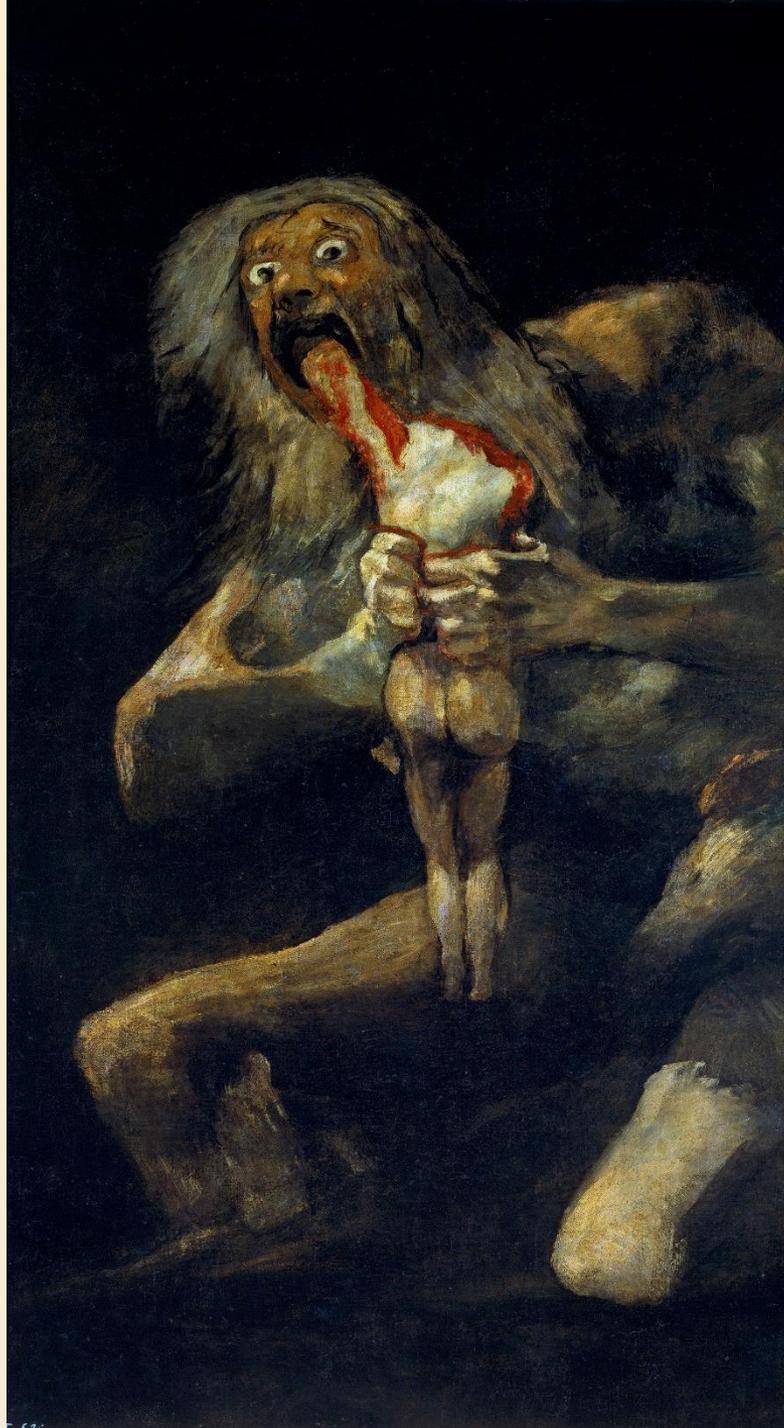
SÉCULO XIX

“De 1880 à eclosão da Primeira Guerra Mundial, uma série de **alterações na tecnologia e na cultura criaram novas formas distintas de experimentar e pensar a respeito do tempo e do espaço.** Inovações tecnológicas, incluindo o telefone, o telégrafo sem fio, o raio-x, o cinema, a bicicleta, o automóvel e o avião, estabeleceram a fundação material para essa reorientação; desenvolvimentos culturais independentes, como o romance de fluxo de consciência, a psicanálise, o Cubismo e a teoria da relatividade, moldaram diretamente as consciências. O resultado foi a **transformação das dimensões da vida e do pensamento.**(...)”

O **conceito da simultaneidade** aparece em quase todos os campos – física, psicologia, arte, drama, poesia, romances e cinema. Numerosos jornalistas desse período argumentavam que as **novas tecnologias de transportes e comunicações haviam ‘aniquilado o tempo e o espaço’** criando aquilo que um historiador posterior caracterizou como a **era da simultaneidade.**”

(KERNE, Stephen. *The Culture of Time & Space*. London: Harvard University Press, 2003.)

SÉCULO XIX



Saturno Devorando Seus Filhos, Francisco Goya, 1823

SÉCULO XIX

2º Revolução Industrial

- Máquinas + Urbanização + Metropolização + Multidões

CIÊNCIA



➤ Ruptura com a Religião

➤ Progresso

➤ Racismo

➤ Evolução

➤ Etnocentrismo

NAÇÃO



➤ Nacionalismo

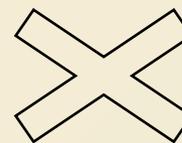
➤ Estados Nacionais

➤ Romantismo

REVOLUÇÃO

➤ **Socialismos**

➤ **Anticapitalismo**



➤ **Liberalismo**

➤ **Individualismo**



REDEFINIÇÃO DO SER HUMANO



TENSÃO PERMANENTE



Liberdade Coletiva

BUSCA PELA LIBERDADE



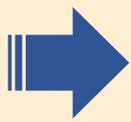
Liberdade Individual





... 41.
Courbet.

Autorretrato, Gustave Courbet, 1841

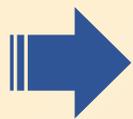


Revolução Francesa

“A partir dela, **superou-se definitivamente a tradicional concepção de que os homens seriam distintos por natureza**, alguns nascendo melhores do que outros, numa visão hierárquica que acompanhou a humanidade por milênios, para ser substituída só tão recentemente pela de que **todos somos iguais**. Pôde ser, então, finalmente formulada a **exigência de cidadania, da participação geral dos homens na tomada política das decisões sobre seu destino coletivo**. Pôde também, por outro lado, **radicalizar-se tal exigência na reivindicação por justiça social**, em que mesmo as **diferenças de classe devem ser abrandadas ou até suprimidas**.”

Deste acontecimento crucial, assim, **brotaram tanto os ideais modernos dos direitos humanos e da igualdade de todos perante a lei, quanto os da própria “revolução” enquanto mudança necessária e radical das estruturas sociais**, mudança presente de modo crítico na própria modernidade.”

(GRESPLAN, Jorge. *Revolução Francesa e Iluminismo*. São Paulo: Contexto, 2012.)



Além dos limites da Revolução Francesa

❖ Conspiração dos Iguais (França - 1796)

Manifesto dos Iguais – redigido por Sylvain Maréchal, jornalista amigo de “Graco” Babeuf.

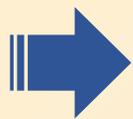
*“(...) Exigimos **viver e morrer iguais, assim como nascemos.** Queremos a igualdade real ou a morte. Eis do que necessitamos. (...)”*

A revolução francesa foi apenas a mensageira de outra revolução muito maior, muito mais solene, e que será a última...”

(VOVELLE, Michel. *A Revolução Francesa, 1789 – 1799*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 60.)

❖ Defesas dos Direitos das Mulheres

- ***Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher*** – redigido por Mary Wollstonecraft, na Inglaterra, em 1790.
- ***Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*** – redigido por Olympe de Gouges (pseudônimo de Marie Gouze), na França, em 1791.
- ***Sociedade das Cidadãs Republicanas Revolucionárias*** – organização feminina atuante na Revolução Francesa.

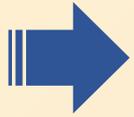


Além dos limites da Revolução Francesa

❖ Independência do Haiti (1791 - 1804)



A Batalha de São Domingo, January Suchodolski, 1844.



A Liberdade ao Iluminismo

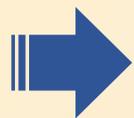
“Nenhum homem recebeu da natureza o direito de comandar os outros.

A **liberdade** é um presente do céu, e cada indivíduo da mesma espécie tem o **direito** de gozar dela logo que goze da **razão.**”

(DIDEROT, Denis. *Enciclopédia*, 1772)

“É pela **violência** que se deve estabelecer a liberdade; o momento requer a organização do **despotismo da liberdade**, para esmagar o despotismo dos reis.(...) **A liberdade nasce do fogo da sedição.**”

(MARAT, Jean-Paul. No jornal *O Amigo do Povo*, 1793.)

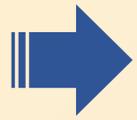


A Liberdade ao Anarquismo

“Sou um amante fanático da **liberdade**, considerando que ela é **o único meio em cujo seio podem se desenvolver e crescer a inteligência, a dignidade e a felicidade dos homens**; (...) eu entendo por liberdade a (...) que consiste no pleno desenvolvimento de todas as potências materiais, intelectuais e morais que se encontram em estado de faculdades latentes em cada um o que leva necessariamente e sempre à redução do direito de cada um a zero. (...)

Refiro-me a essa liberdade de cada um que, longe de se deter como diante de um limite frente à **liberdade do outro, encontra**, ao contrário, **ali sua confirmação e sua extensão até o infinito; a liberdade ilimitada de cada um pela liberdade de todos, a liberdade pela solidariedade, a liberdade na igualdade.**”

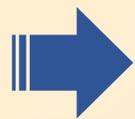
(BAKUNIN, Mikhail, *A Comuna de Paris e a Noção de Estado*, 1871 – publicado em 1878 por Elisée Reclus)



Noam Chomsky sobre o Iluminismo

“Essas ideias [de liberdade em Bakunin] vieram do Iluminismo; suas origens estão no *Discurso sobre a Desigualdade* de Rousseau, em *Os limites da ação do Estado* de Humboldt, na insistência de Kant, em sua defesa da Revolução Francesa, de que **a liberdade é o pré-requisito para se alcançar a maturidade para a liberdade, não um presente a ser dado quando certa maturidade é alcançada.** Com o desenvolvimento desse novo e inesperado sistema de injustiça, o capitalismo industrial, **foi o socialismo libertário que preservou e ampliou a mensagem humanista radical do Iluminismo e os ideais clássicos liberais,** que acabaram deturpados numa ideologia para sustentar a ordem social emergente.”

(CHOMSKY, Noam. *Notas Sobre o Anarquismo*. São Paulo: Hedra, 2011, p.23.)



Revolução Industrial



A Fábrica de Ferro, Adolph Friedrch Erdmann von Menzel, 1875.



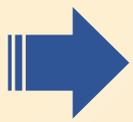
Revolução Industrial

“Estando com apenas quatorze anos, em Paris, onde nasci, eu já tinha visto o surgimento do **telefone**, do **aeroplano**, do **automóvel**, da **eletricidade doméstica**, do **fonógrafo**, do **cinema**, do rádio, dos **elevadores**, dos **refrigeradores**, do **raio-x**, da **radioatividade** e, ademais, da **moderna anestesia**.”

(Raymond Loewy apud SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 10.)

“Na Europa, **até o século XVIII, o passado era o modelo para o presente e para o futuro**. O velho representava a sabedoria, não apenas em termos de uma longa experiência, mas também da memória de como eram as coisas, como eram feitas e, portanto, de como deveriam ser feitas. **Atualmente, a experiência acumulada não é mais considerada tão relevante. Desde o início da Revolução Industrial, a novidade trazida por cada geração é muito mais marcante do que sua semelhança com o que havia antes.**”

(HOBSBAWM, Eric. *O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea?*, em: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 37-38.)



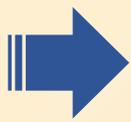
Trabalho Antes da Revolução Industrial

"No **Ocidente Medieval**, a **unidade de trabalho é o dia** [...] definido pela referência mutável ao **tempo natural**, do levantar ao pôr-do-sol. [...] O tempo do trabalho é o **tempo de uma economia ainda dominada pelos ritmos agrários, sem pressas, sem preocupações de exatidão, sem inquietações de produtividade**".

(LE GOFF, Jacques. O tempo do trabalho na crise do século XIV. In: *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1980. pp. 61-73.)

"As **horas canônicas eram anunciadas pelo toque dos sinos**, que mandavam à distância o som que funcionava como voz da eternidade, marcando o tempo de todas as pessoas. Tempo de repouso e tempo de trabalho; tempo de oração e tempo de festa; tempo de vida e tempo de morte".

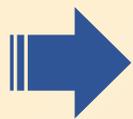
(MICELI, Paulo. *O feudalismo*. São Paulo: Editora Atual. 2009)



Novo Conceito de Trabalho

“Todo processo de industrialização é necessariamente doloroso, porque envolve a **erosão de padrões de vida tradicionais**. Contudo, na Grã-Bretanha, ele ocorreu com uma **violência excepcional**, e nunca foi acompanhado por um sentimento de participação nacional num esforço comum. Sua única ideologia foi a dos patrões. O que ocorreu, na realidade, foi uma **violência contra a natureza humana**. De acordo com uma certa perspectiva, esta violência pode ser considerada como o resultado da **ânsia pelo lucro, numa época em que a cobiça dos proprietários dos meios de produção** estava livre das antigas restrições e não tinha ainda sido limitada pelos novos instrumentos de controle social. **Não foram nem a pobreza, nem a doença os responsáveis pelas mais negras sombras que cobriram os anos da Revolução Industrial, mas sim o próprio trabalho.**”

(THOMPSON, Edward P., *A Formação da Classe Operária Inglesa*, vol. 2, 1987.)



Novo Conceito de Trabalho

“Um dos mandamentos do século XIX, na Europa, era o **evangelho do trabalho**. Para os ideólogos da classe média, o ideal do trabalho implicava autodisciplina e sentido atento do dever. Até mesmo os mais devotos ousavam modificar a palavra de Deus. As Escrituras haviam considerado o trabalho como castigo severo imposto por Deus a Adão e Eva. Mas **para os ideólogos burgueses, o trabalho era prevenção contra o pecado mortal da preguiça**. O evangelho do trabalho era quase exclusivamente um ideal burguês. Em geral, os nobres não lhe davam valor. O desprezo aristocrático pelo trabalho era um resquício feudal.”

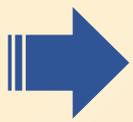
(Adaptado de GAY, Peter. *O século de Schnitzler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 210-1, 214 e 217-8.)



Trabalhadoras, Hans Baluscheck, 1900.



Operários, Tarsila do Amaral, 1933.



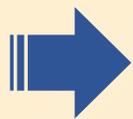
Revolução Industrial e o Tempo

"Na verdade **não havia horas regulares**: patrões e administradores faziam conosco o que queriam. Normalmente os **relógios das fábricas eram adiantados pela manhã e atrasados à tarde** e em lugar de serem instrumentos de medida do tempo eram utilizados para o engano e a opressão".

(Anônimo. "Capítulos na vida de um garoto de fábrica de Dundee". (1887). In THOMPSON, E. P. *Time, Work-discipline and Industrial Capitalism*. Disponível em <http://libcom.org>. Acesso em 22 jul. 2015)

“O operário transforma-se, por sua vez, num especialista em ‘**olhar o relógio**’, preocupado apenas em saber quando poderá **escapar para gozar as suas escassas e monótonas formas de lazer** que a sociedade industrial lhe proporciona”.

(WOODCOCK, George, *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1998)



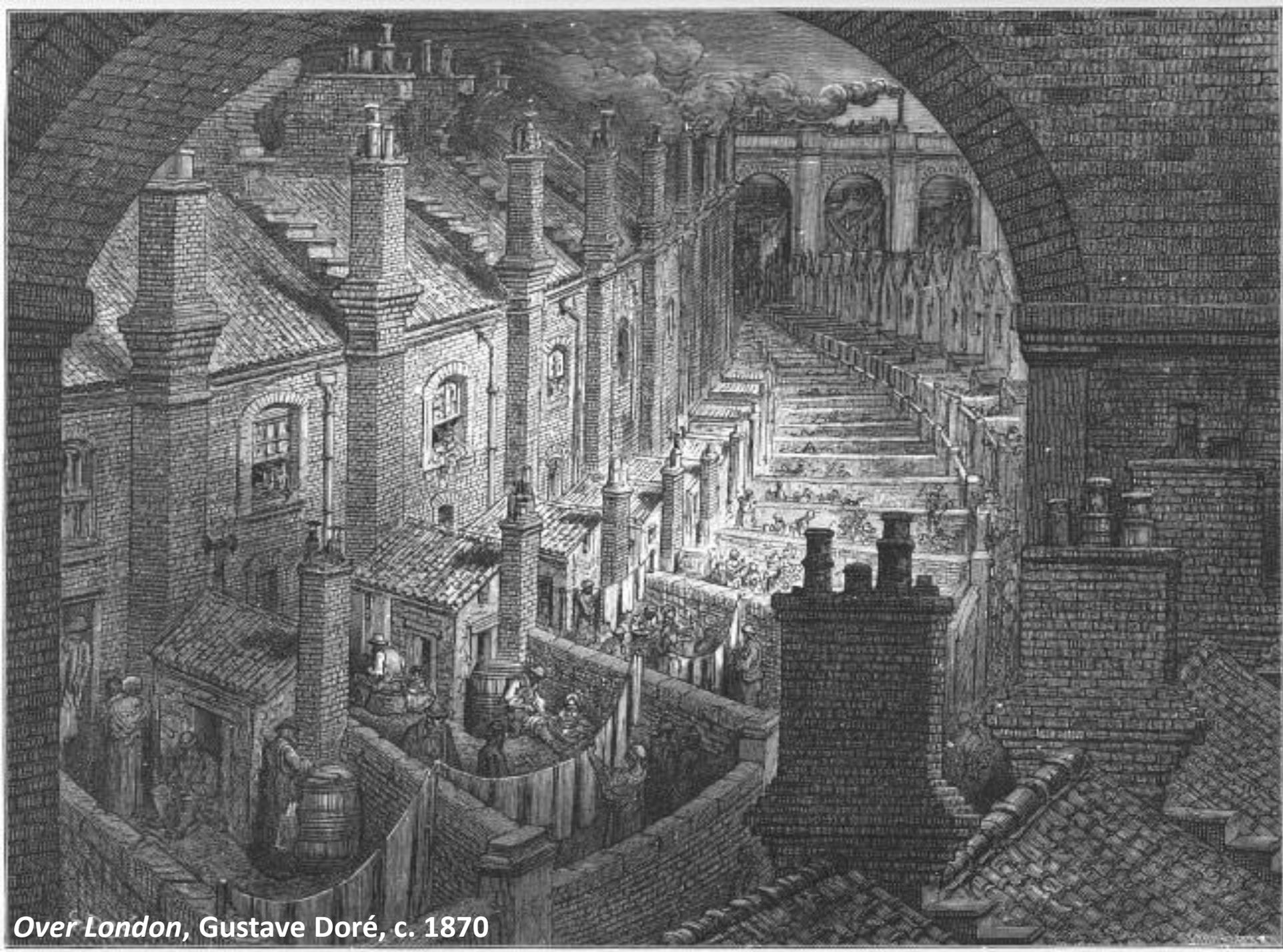
Revolução Industrial e o Espaço

“O homem utilitarista do século XVIII transforma utensílios de madeira em um torno por diversão, e fantasia que pode transformar os homens da mesma maneira. Mas não tem grandes dotes para a poesia, e mal sabe extrair a moral de uma obra de Shakespeare. Sua casa é aquecida e iluminada a vapor. Ele é um desses que **preferem as coisas artificiais em detrimento das naturais, e pensa que a mente humana é onipotente.** Ele sente grande desprezo pelas possibilidades da vida ao ar livre, pelos verdes campos e pelas árvores, e **sempre reduz tudo aos termos da Utilidade.”**

(W. Hazlitt. O Espírito do Século, apud HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções – 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 255)

“Coketown era uma cidade de tijolos vermelhos, ou melhor, de tijolos que seriam vermelhos se a fumaça e as cinzas permitissem, cidade de máquinas e de altas chaminés. **Apresentava muitas ruas largas, todas iguais, e muitas ruazinhas ainda mais iguais, cheias de pessoas também muito iguais, pois todas saíam e entravam nas mesmas horas, andando com passo igual na mesma calçada, para fazer o mesmo trabalho, e para elas cada dia era parecido com o da véspera e com o dia seguinte.”**

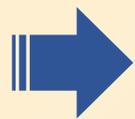
(CHARLES DICKENS In: ENDERS, Armelle e outros. *História em curso*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.)



Over London, Gustave Doré, c. 1870



Houndsditch, Gustave Doré, 1872



Consolidação da Ordem Burguesa



A Liberdade Guiando o Povo, Eugène Delacroix, 1830



Consolidação da Ordem Burguesa

- Controle burguês sobre o Capital e o Estado
- Superação definitiva do Antigo Regime

“No Ocidente, o período entre 1848 e 1875 é primariamente o do maciço **avanço da economia do capitalismo industrial**, em escala mundial, da **ordem social que o representa**, das **ideias e credos que pareciam legitimá-lo e ratificá-lo**”
(HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.)

LIBERALISMO

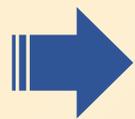


Liberdade + Propriedade Privada

- Direitos
- Isonomia
- Constituição
- Divisão de Poderes
- Livre Mercado
- Meritocracia
- Sufrágio
- Laicismo

“**[O indivíduo], orientando sua atividade de tal maneira que sua produção possa ser de maior valor, visa apenas o seu próprio ganho** e, neste, como em muitos outros casos, é levado como que por uma **mão invisível** a promover um objetivo que não fazia parte de suas intenções. (...) **Ao perseguir seus próprios interesses, o indivíduo muitas vezes promove o interesse da sociedade** muito mais eficazmente do que quando tenciona realmente promovê-lo.”

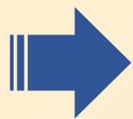
(SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 379-380.)



Protestos, Guerras, Barricadas



Barricada na Rua Soufflot. Horace Vernet, 1848



Protestos, Guerras, Barricadas

“A partir de 1830, uma onda de movimentos liberais varre a Europa. Associados a estes ideais (**democracia, república, monarquia constitucional, socialismo**) intensificam-se os anseios e as **lutas em prol do princípio das nacionalidades**: todo povo que se considere uma nacionalidade deve constituir um Estado independente, livre de qualquer domínio estrangeiro. E todas as partes de **uma mesma nação devem constituir um só Estado**. A noção de nacionalidade dependerá de identidades de língua, religião, cultura ou vida econômica. Mais frequentemente, porém, **a nacionalidade repousa em comunhão de tradições históricas (um mesmo passado) e de aspirações materiais e espirituais (um mesmo futuro).**”

(BECKER, Idel. *Pequena História da Civilização Ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, 11. ed. p. 484)

➡ Protestos, Guerras, Barricadas



Cartismo (Inglaterra)



Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)



Comuna de Paris (1871)



Mártires de Chicago (1886)



Hausmann e a Urbanização de Paris





A socialista social, unida para a revolução, nos instrumentos de





Decoração de Alphonse Mucha para o interior da Joalheria Georges Fouquet, Paris, 1901.



Judith I. Gustav Klimt, 1901



Hygieia. Gustav Klimt, 1900



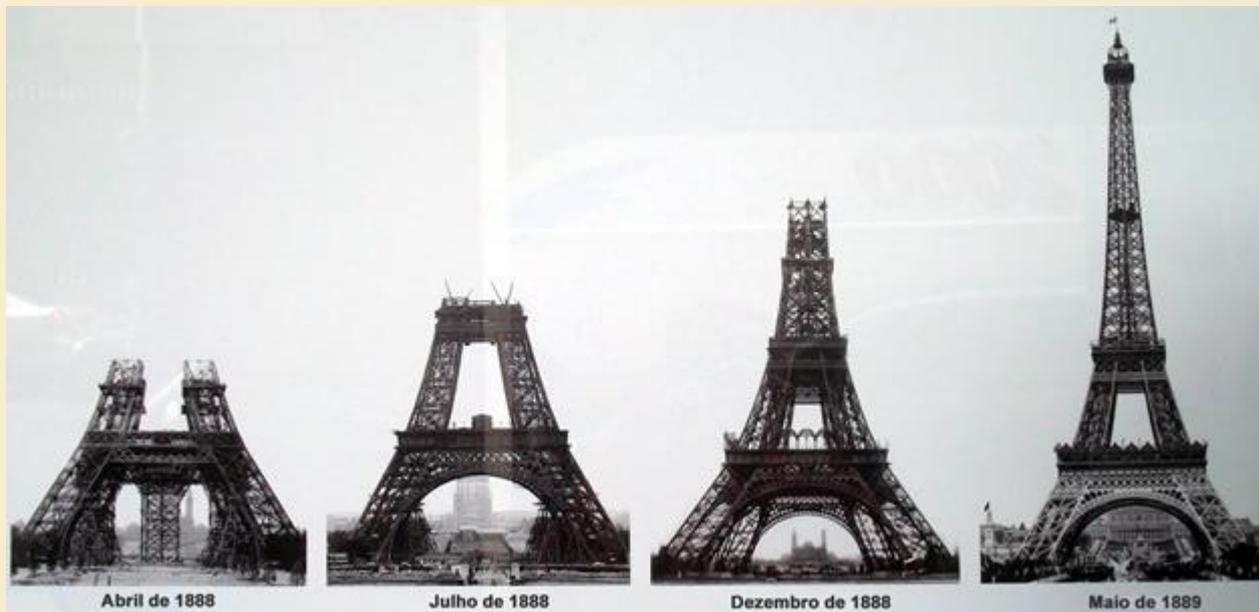
Na Pradaria, Claude Monet, 1876

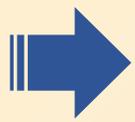


Belle Époque e Exposições Universais

“A Exposição Internacional de Eletricidade foi aberta ao público no Palácio da Indústria em Paris, em agosto de 1881 (...). **A maior parte dos aparelhos expostos resultaram de descobertas moderníssimas** (...). O **bonde** que transporta os visitantes; as **máquinas eletromagnéticas** e o **dinamo elétrico** em funcionamento; os **focos luminosos** brilhando; os **telefones** que nos permitem ouvir à distância representações de ópera – **tudo isto é tão novo** que nem sequer seu nome era conhecido cinco anos atrás.

(Revista *A Natureza*, 1881.)





Belle Époque e Exposições Universais

“Verdadeiros **espetáculos da evolução humana** (as exposições universais) traziam um pouco de tudo: **de negros africanos à arte francesa, indígenas com seus artefatos e a mais recente das inovações**. Compactuando com um **ideário evolucionista**, nas feiras se realizavam imensos exercícios de **classificação e catalogação da humanidade**, em que o **mundo ocidental representava o topo da civilização, e as culturas indígenas “o passado da humanidade”**. No fundo, para a grande maioria do público a feira significava diversão. É por isso mesmo que se vendiam muitos *souvenirs*, cartões postais e mesmo fotografias. Não foi mera coincidência o fato de a **primeira máquina automática de fotografia** ter sido apresentada na exposição de 1889. As exposições universais constituíram, portanto, o **corolário ideal da política imperialista** de final do século XIX. Em um momento em que a burguesia triunfante pretendia conquistar o mundo todo (...), as feiras mundiais cumpriam um papel exemplar: **expunham didaticamente o avanço de uns e o atraso de outros; a tecnologia na mão de alguns e o exotismo como privilégio de outros**.

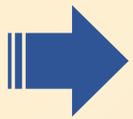
(SCHAWRZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Adaptado)

vitrine. 33

La Vénus hottentote.

C 40-1361-54 (profil)
C 41-469-54 (dos)

Estátua de cera de Saartje Baartman, sul-africana classificada como "Vênus de Hottentot" (originária do povo khoisa, Namíbia), exposta no Musee De L'Homme, em Paris, até 1975.



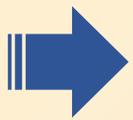
Imperialismo

“A economia capitalista era, e só podia ser, mundial. Esta feição global acentuou-se continuamente no decorrer do século XIX, à medida que **estendia suas operações a partes cada vez mais remotas do planeta e transformava todas as regiões cada vez mais profundamente.** Ademais, essa **economia não reconhecia fronteiras,** pois funcionava melhor quando nada interferia no livre movimento dos fatores de produção.”

(HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 66.)

"O mundo está quase todo parcelado e o que dele resta está sendo dividido, conquistado, colonizado. Penso nas estrelas que vemos à noite, esses vastos mundos que jamais poderemos atingir. **Eu anexaria os planetas se pudesse.** Entristece-me vê-los tão claramente e ao mesmo tempo tão distantes".

(Cecil Rhodes, 1895)



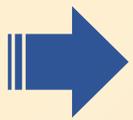
Imperialismo

"A ideia que mais me acode ao espírito é a solução do problema social, a saber: nós, os colonizadores, devemos, para salvar os 40 milhões de habitantes do Reino Unido de uma mortífera guerra civil, **conquistar novas terras a fim de aí instalarmos o excedente de nossa população, de aí encontrarmos novos mercados para os produtos das nossas fábricas e das nossas minas.**"

(Cecil Rhodes, 1895)

"Na realidade são idênticos os nossos interesses e os dos nossos vizinhos sulinos. **Eles possuem grandes riquezas naturais** e a prosperidade chegará a eles, se reinar a lei e a justiça dentro de suas fronteiras. **Enquanto obedecerem às leis elementares da sociedade civilizada, podem estar seguros de que serão tratados por nós com ânimo cordial e compreensivo.** Interviríamos somente em último caso, somente se se tornasse evidente a sua inabilidade ou má **vontade**, quanto a fazerem justiça interna e, em plano externo, se tiverem violado os direitos dos Estados Unidos:"

(Theodore Roosevelt. Corolário Roosevelt para a "Doutrina Monroe", 1904.)



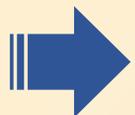
Imperialismo em Engels

“Bakunin (...) criticou duramente a ‘guerra de conquista’ sobre o território mexicano, no que foi repreendido por Friederich Engels nas páginas da *Neue Rheinische Zeitung*:

É uma infelicidade se a rica Califórnia foi arrancada dos mexicanos preguiçosos que não sabiam o que fazer com ela? Se os enérgicos *yankees*, graças à exploração das minas de ouro daquela região aumentam as vias de comunicação, concentram sobre a costa do Pacífico em alguns anos uma população densa e um comércio em expansão, criam grandes cidades, abrem linhas marítimas, estabelecem uma via férrea de Nova York a San Francisco, abrem pela primeira vez o oceano Pacífico à civilização e pela terceira vez na história dão uma nova orientação ao comércio mundial? A independência de alguns californianos ou texanos espanhóis pode sofrer com isso, a justiça e outros princípios morais podem ser feridos: isso conta diante de tais realidade que são o domínio da história universal?

E concluía argumentando que tudo isso se fizera: “unicamente no interesse da humanidade”

(SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: O Federalismo e O Internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011, p.110.)



Imperialismo em Marx

“De alguma forma, a despeito de seu caráter espoliador, segundo Marx, a dinâmica do capital agregava a seus resultados alguns importantes elementos civilizatórios. Em 1853, no caso específico da Índia, afirmou que a intromissão inglesa nos assuntos da tradicional manufatura de tecidos do país terminaria por varrer as pequenas comunidades,

semibárbaras, semicivilizadas, ao destruir sua base econômica, ocasionado assim a maior, e para dizer a verdade, a única revolução social que já se viu na Ásia. (...) A Inglaterra foi o instrumento inconsciente da história ao realizar essa revolução.

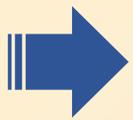
Nesse caso, por penoso que seja para os nossos sentimentos pessoais o espetáculo de um velho mundo que se esboroa, do ponto de vista da história temos pleno direito de exclamar como Goethe:

Quem lamenta os estragos, se os frutos são prazeres? Tamerlão, em seu reinado, não esmagou milhares de seres?

(...) A próxima guerra mundial fará desaparecer da superfície do globo as classes e as dinastias reacionárias, bem como a totalidade dos povos reacionários. E será um progresso.

Ao submeter os fatos ao seu exame, Marx retoma parcialmente a ideia original de Hegel no que se refere aos 'povos sem história'."

(SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: O Federalismo e O Internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011, pp. 110 - 112.)



Imperialismo e Missão Civilizadora

“Nós conquistamos a África pelas armas...**temos direito de nos glorificarmos**, pois após ter destruído a pirataria no Mediterrâneo, cuja existência no século XIX é uma vergonha para a Europa inteira, **agora temos outra missão não menos meritória, de fazer penetrar a civilização num continente que ficou para trás.**”

(“Da influência civilizadora das ciências aplicadas às artes e às indústrias”. Revue Scientifique, 1889)

“**As raças superiores têm um direito perante as raças inferiores.** Há para elas um direito porque há um **dever** para elas. **As raças superiores têm o dever de civilizar as inferiores (...)** Vós podeis negar, qualquer um pode negar que há mais justiça, mais ordem e moral, mais equidade, mais virtudes sociais na África do Norte desde que a França a conquistou?”
(Julis Ferry discursando no parlamento francês, em 28 de julho de 1885.)

"Longe de serem uns monstros de espada, eles querem, majoritariamente, ser os **portadores de um grande destino.** Por mais que tenham passado populações inteiras pelo fio da espada - como Gallieni em seus primeiros tempos - ou as tenham queimado vivas - como Bugeaud na Argélia -, a seus olhos tais atos são apenas os meios necessários para a realização do projeto colonial [na África], **essa missão civilizadora que substitui a evangelização tão cara aos conquistadores do século XVI.**"

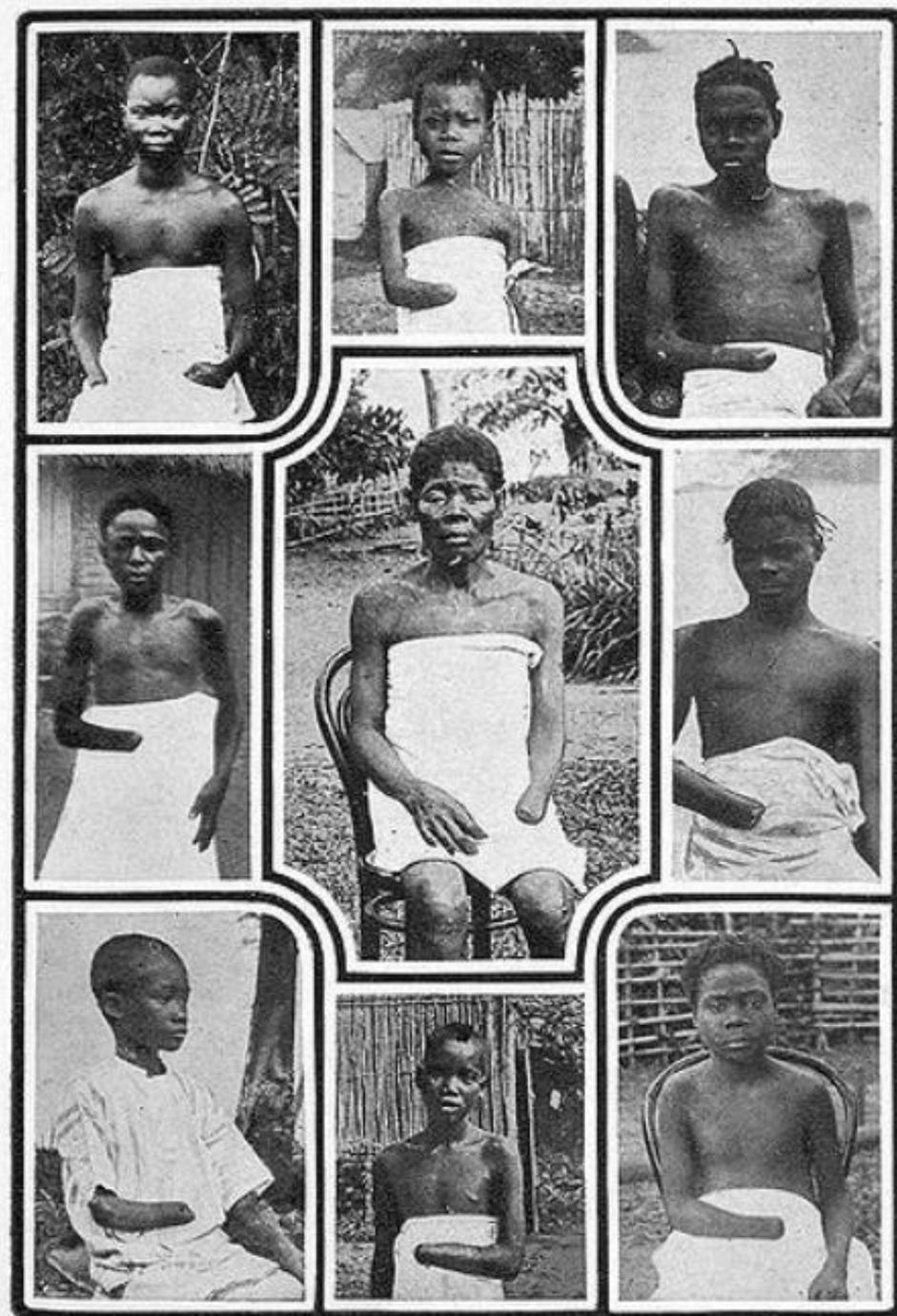
(FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências - séculos XIII a XX.* Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 104.)

Imperialismo

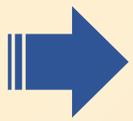
❖ Congo Belga - Posse de Leopoldo II (1877-1908)

"A condição das coisas no Congo é atroz, como é demonstrado pelas **fotografias de crianças cujas mãos foram cortadas**. Leopoldo pensa que ele pode prosseguir porque o Congo é um país extremamente distante. Mas uma vez que consigamos que a Inglaterra e a América investiguem, e levem o assunto à sério, algo será feito. Nós, americanos, estamos especialmente interessados, pois foi nosso reconhecimento da bandeira ali que conduziu ao reconhecimento por outros poderes."

(Mark Twain, no jornal *Boston Herald*, 6 de novembro de 1905.)



FROM PHOTOGRAPHS, CONGO STATE



Imperialismo, Ciência e Racismo

"A **biologia** era essencial para uma ideologia burguesa teoricamente igualitária, pois **deslocava a culpa das desigualdades humanas da sociedade para a natureza**. As vinculações entre biologia e ideologia são evidentes no intercâmbio entre eugenia e genética. A **eugenia** era essencialmente um movimento político, que acreditava que as condições do homem e da sociedade só poderiam melhorar através do incentivo à reprodução de tipos humanos valorizados e da eliminação dos indesejáveis. **A eugenia só passou a ser considerada científica após 1900, com o surgimento da genética, que parecia sugerir que o cruzamento seletivo dos seres humanos segundo o processo mendeliano era possível.**

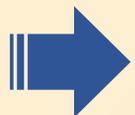
(HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 351-353)

- **Darwinismo Social** - Deturpação das ideias de Charles Darwin.
- **Thomas Carlyle** - Defende a volta da escravidão e a desigualdade entre as raças.
- **Robert Knox** - Defende a supremacia de uma raça sobre as outras.
- **Samuel Morton** - Desenvolveu a craniologia defendendo a inferioridade dos não-brancos.
- **Arthur de Gobineau** - Critica a mistura de raças humanas, considerando-as degenerescências.
- **Cesare Lombroso** - Defende a hereditariedade criminal e suas manifestações em características físicas individuais.

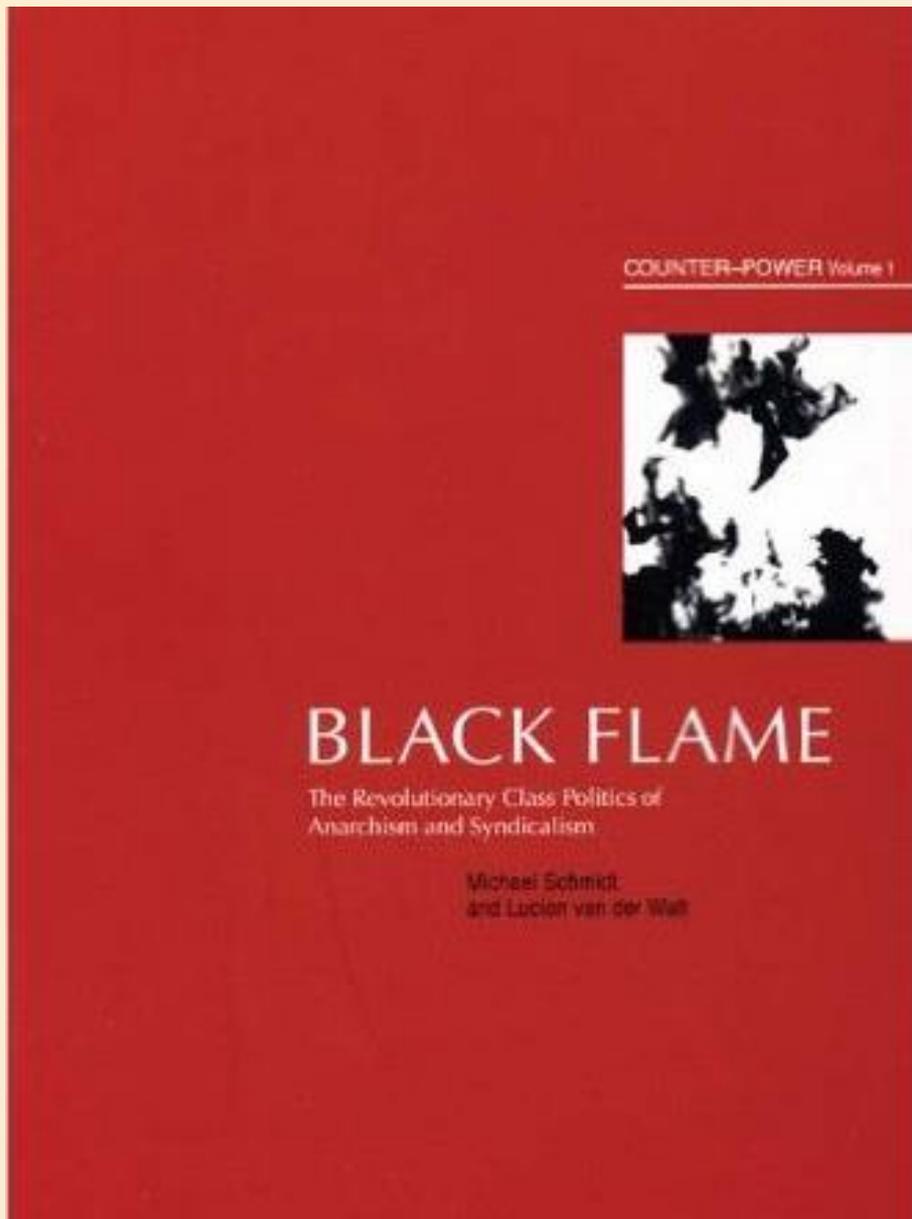
Imperialismo

"Todo inglês nasce com uma espécie de poder miraculoso que o torna mestre do mundo. Quando quer alguma coisa, nunca confessa que a deseja. Espera, pacientemente, até que adquira não se sabe como, a convicção inflamada de que **é de seu dever moral e religioso conquistar aqueles que possuem o que ele deseja...** Nunca lhe falta a atitude moral necessária. Na qualidade de grande defensor da liberdade e da independência, conquista a metade do mundo e chama a isso de Colonização. **Quando precisa de um novo mercado para suas mercadorias falsificadas de Manchester, envia um missionário para ensinar o evangelho da paz. Os nativos matam o missionário, e ele corre às armas em defesa da Cristandade; e se apossa do mercado como uma dádiva do céu."**

(SHAW, Bernard. apud ROBERTS, J. M. *História do Século XX*. São Paulo: Abril, s/d., v.1, p. 314.)



Lutas Anarquistas Além da Europa

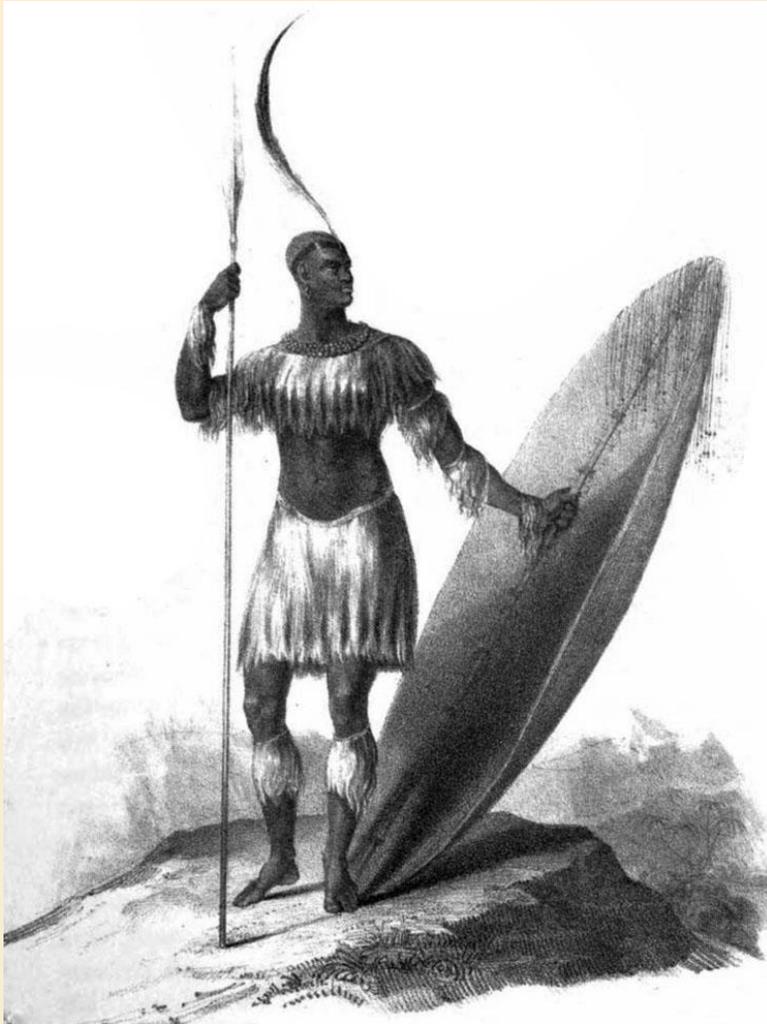


"[Entre 1890 e 1920], a ampla tradição anarquista alcançou a condição majoritária nos movimentos de trabalhadores em muitos países. Contrariando a tese da excepcionalidade espanhola, ele dominou o movimento trabalhista da Argentina, Brasil, Chile, Cuba, França, México, os Países Baixos, Peru, Portugal e Uruguai. Movimentos camponeses em larga escala anarquistas se desenvolveram, entre outros lugares, na Bulgária, Manchúria, México e na Ucrânia, assim como na Espanha."

(SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. *Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism*. California: AK Press, 2009, p.271)

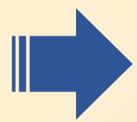
➡ Conflitos Sociais Além do Anarquismo

❖ Guerra Anglo-Zulu
(África do Sul - 1879)



❖ Revolta dos Boxers
(China, 1899 - 1901)



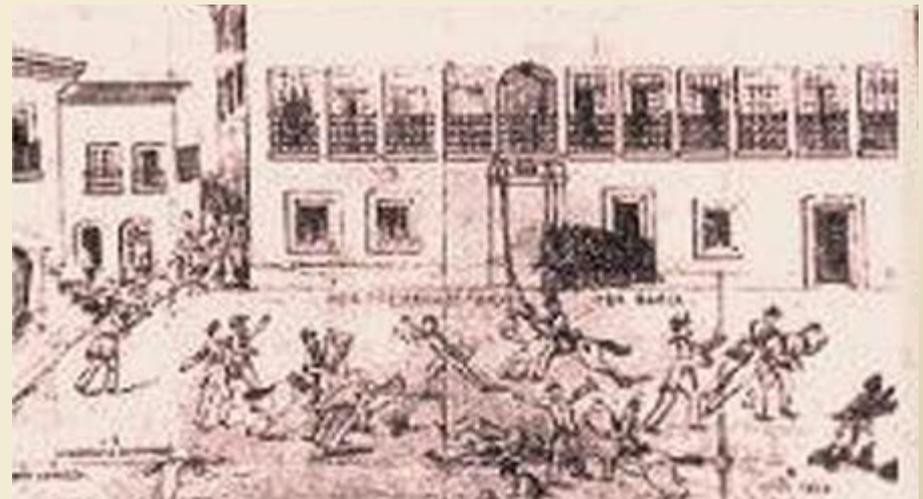


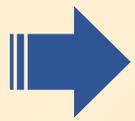
Conflitos Sociais Além do Anarquismo

❖ Revolta do Quebra-Quilos (Nordeste, 1874 - 1875)



❖ Motim da "carne sem osso e farinha sem caroço" (Bahia - 1858)





Conflitos Sociais Além do Anarquismo

❖ Revolta do Vintém (Rio de Janeiro, 1879 - 1880)





Conflitos Sociais Além do Anarquismo

❖ Quilombos, Caifazes e Abolicionismo no Brasil





Conflitos Sociais Além do Anarquismo

❖ Guerra de Canudos (Bahia, 1896 - 1897)



OBRIGADO!

E-mail: ithanarquista@gmail.com
raphael.fa@gmail.com